

I. O relevo que toma na obra de Lenine a interpretação de Marx e de Engels, o que pressupõe a concepção de uma ortodoxia. Ali, estão as *Escrituras*...

II. A preocupação constante de mostrar que entre os fundadores e ele próprio, Lenine, a coincidência é perfeita — o que revela a vontade de se conformar com a Ortodoxia em cuja existência acredita.

III. O próprio cuidado em acentuar o papel da doutrina no movimento operário. Decerto: a História Universal é construída pela heroicidade dos operários³⁹; mas é indispensável fornecer ao operariado uma doutrina que ele é totalmente incapaz de elaborar. O proletário morre nas barricadas. É preciso dizer-lhe por que ideal dá a vida: dizer-lhe por que morre — quem o mata — e para que morre⁴⁰. É este o papel da parcela culta e desinteressada da Burguesia: um papel semelhante ao que a Teologia cristã atribue ao Homem no meio das criaturas inconscientes. «Os Céus narram a glória de Deus». Mas é apenas um esboço de louvor, um esquema inerte que o Homem há-de tornar vivo. O operário, nas barricadas, constrói a História Hegeliana. Mas é apenas um esboço da construção futura. Entre esse tenteio e o Futuro, a Ideia será mediadora. É afinal a raiz idealista que aqui aflora. Hegel está bem no princípio do Marxismo. E porventura no seu termo.

³⁹ «Marx [recorda Lenine, e aplaude] põe *acima de tudo* que a classe operária *cria* a história mundial heróicamente, abnegadamente e com iniciativa». (Prefácio às *Cartas de Marx a Kugelmann*, ed. cit., pág. 189).

⁴⁰ Cf. Mannheim, *op. cit.*, cap. III §§ 2 e 4.

II

A Ideologia como Objecto de Estudo

INTRODUÇÃO

É, ao que parece, depois de Lenine que a palavra *ideologia* deixa de ser o sujeito de uma evolução interna, de um processo vivo de elaboração, para passar a ser objecto de estudo.

São dois os problemas a que se aplica o esforço dos estudiosos:

- a) em que sentido tem sido usada a palavra?
- b) que vem a ser, no fim de contas, uma ideologia?

O primeiro problema é, evidentemente, de índole histórica. Foi a ele que a primeira parte deste trabalho procurou responder.

É já a partir das conclusões do primeiro que o segundo problema tem sido, de preferência, considerado; e parece ser esse, efectivamente, o método mais adequado a um tema que participa da Linguística e da Psicologia. Pouco interesse teria tratar esta matéria *in abstracto*, com base na definição nominal ou numa concepção pessoal. É muito mais fecundo acompanhar as vicissitudes da palavra, que, na boca dos homens, é quase um ser vivo.

Mas essa investigação histórica não é susceptível de satisfazer a preocupação de natureza crítica que se exprime no segundo problema. A definição de um termo abstracto não pode ser dada pela determinação do *hic et nunc* que caracteriza a atitude historiográfica.

Acontece, porém, que a investigação a que se quer proceder aqui, tem exactamente em vista aproveitar as várias acepções historicamente dadas, para com elas elaborar um conceito de validade universal.

A tarefa tornou-se, a um tempo, mais interessante e mais difícil, depois que a difusão e vulgarização do Marxismo e os estudos e hipóteses de Freud tornaram habitual, na vida cultural das sociedades, a atitude de desconfiança e cepticismo que está na base da caça às ideologias.

A — TEORIA DAS IDEOLOGIAS

I. Mannheim

Penso que dificilmente se encontrará quem tenha levado tão longe como Karl Mannheim o estudo histórico-filosófico do termo «ideologia»⁴¹.

Segundo Mannheim, há lugar para uma distinção inicial quando se fala de ideologia. É quando a ideologia envolve ou compromete uma parcela determinada do pensamento, que estamos em face de uma *ideologia pròpriamente dita*. A ciência que dela se ocupa será a *Teoria das Ideologias*. Se, pelo contrário, a ideologia compromete todo o pensamento, trata-se, em rigor, de uma *perspectiva*, e a disciplina que lhe corresponde é a *Sociologia do Conhecimento*⁴². Esta distinção, porém, baseia-se menos no *objecto* do que no *sujeito* do conhecimento. E depende do facto de que a amplitude do conhecimento é tanto maior quanto mais profundamente o acto de conhecer mergulha no inconsciente.

⁴¹ Especialmente na sua obra, já tantas vezes referida, *Ideologia y Utopia*. A 1.ª ed. alemã desta obra é de 1929. A 1.ª ed. em língua inglesa é de 1936. Para ela escreveu o Prof. Louis Wirth, de Chicago, o Prefácio que veio a enriquecer também a edição em língua castelhana, que é a que normalmente utilizo neste trabalho. Para estudos mais largos deste tema, será de grande interesse a extensíssima e sistemática bibliografia aí indicada (págs. 273-300).

⁴² *op. cit.*, págs. 231-3.

O inconsciente subjaz a todo e qualquer processo consciente, ao passo que todo o processo consciente é particular. Na medida em que brotam do Inconsciente, todos os actos de conhecimento se irmanam. Na medida em que são conscientes, distinguem-se e individualizam-se.

Qualquer dos meus momentos de consciência é afectado por tudo aquilo que eu sou. A relação *sujeito-objecto* apenas na ligeira superfície é consciente. É a consciência que lhe determina a *forma* que tem de *acto de conhecimento*; mas a matéria dessa relação — aquilo que realmente constitui o abraço de dois seres — ultrapassa profundamente o campo da consciência. Sem a consciência, nenhuma relação *sujeito-objecto* seria conhecimento; mas, sem o inconsciente, nenhuma relação *sujeito-objecto* se poderia dar.

Na medida em que é consciente, a minha atitude perante as coisas é limitada, quanto ao objecto, pelo próprio feixe de luz que as ilumina; mas é em mim como sujeito; não no objecto como objecto, que essa limitação reside. Na medida em que é inconsciente, a minha atitude perante as coisas dirige-se a todas as coisas.

Está no primeiro caso a ideologia propriamente dita, ou «particular»; no segundo, a perspectiva, ou ideologia «total».

Aquilo que em mim é consciente posso eu aplicar a minha acção: quer pelo exercício da censura, quer pelo uso ou o abuso que praticar. (O paralelo com o direito de propriedade talvez não seja de todo infecundo). O mais característico *abuso* de uma ideologia (aplicando a esta o princípio geral) é justamente fazer dela o véu da ocultação daquilo que nós somos mas que preferimos que se não saiba que somos. Trata-se, neste caso, de um processo psicológicamente idêntico à mentira.

Mannheim considera como caso típico da ideologia — feita já, portanto, a distinção prévia — a ideia usada por um grupo como disfarce mais ou menos consciente dos seus próprios interesses. Ideia falsa? Ideia verdadeira? O problema não é essencial para o ponto de vista de Mannheim. O que há de censurável, ou de valor-negativo, na ideologia, é o uso que se faz da ideia. O uso que dela se faz na vida social. A ideologia é, pois, um factor de falsidade nas relações entre os grupos humanos.

Deste sentido, porém, participa o conceito «total» de ideologia. Porque o inconsciente em que mergulhara ou de que emergem os meus momentos de consciência (e, portanto, também a minha ideologia *stricto sensu*); esse inconsciente é, pelo menos em grande parte, constituído pela minha situação social, por aquilo que eu sou nas coordenadas espaço-temporais da sociedade a que pertença. Para conhecer o meu verdadeiro lugar na sociedade, seria preciso que eu me encarasse como encaro os outros, isto é: *de fora*, alheio à minha própria condição. Mas é a minha própria condição que me impede de exercer sobre mim esse olhar desinteressado e indiferente. É portanto falsa a concepção que eu tenho de mim próprio no concerto social. Em tudo quanto penso, estou a ser homem de partido. Tudo quanto defendo, é para melhor me defender. Tudo quanto conheço me tem a mim por centro; quando, na realidade, quase nada do que existe me tem a mim por centro.

Esta teoria conduz à redução do conceito «particular» ao conceito «total» de ideologia⁴³, que é precisamente um dos mais originais contributos deste autor para o nosso tema.

Foi sobretudo através dessa teoria que Mannheim, apoiado em base filosófica e científica bem mais ampla que a que tinha servido a Marx, pôde inclusivamente medir o próprio Marxismo pela bitola que este criara para aplicar aos outros⁴⁴.

⁴³ V. o texto 3 de Mannheim, no Anexo II.

⁴⁴ «O pensamento socialista, que até agora desmascarou todas as utopias e ideologias dos seus adversários, nunca pôs o problema da determinação a respeito da sua própria atitude. Nunca aplicou a si mesmo o seu próprio método, nem refreou o desejo de ser absoluto» (*op. cit.*, pág. 219). Note-se que, apesar de tudo, Mannheim depende em larga medida do Marxismo (cf. Maquet, *op. cit.*, «Resultados e perspectivas da Sociol. do Conhecimento», n. 20; Schumpeter, *Ciência e Ideologia*, págs. 4-5). Cf. o trecho seguinte: «O conceito de ideologia foi esgrimido por determinados grupos políticos como arma com que se procurava desmascarar os interesses e as motivações egoístas do sector social dominante. Mas aqueles que assim usavam do conceito de ideologia depressa se encontraram em situação incómoda, pois receberam por sua vez a mesma censura que lançavam contra os seus adversários, ou seja, que também o pensamento deles tinha carácter de «ideologia», quer dizer, raízes de motivação inconsciente, inscritas na estrutura social do grupo e determinadas por estas» (L. Recasens Siches, *op. cit.*, pág. 654). Seria interessante aproximar estas atitudes perante a mentalidade ideológica da atitude de Spengler em face da civilização «ocidental».

2. Schumpeter

Para o grande economista austríaco Joseph Schumpeter, o problema das ideologias está naturalmente presente, dada a atitude crítica que ele assume ao fazer a história do pensamento económico ⁴⁵. É, de modo geral, em relação a este que Schumpeter encara o nosso problema. Mas a matéria aparente da sua análise não lhe limita a validade das conclusões, porque o objecto daquela não são as doutrinas económicas, mas exactamente os elementos extra-económicos que existem no pensamento económico.

a) Em Schumpeter é consciente a busca de uma noção de ideologia. Mas isto não significa, em absoluto, que Schumpeter tenha querido dar uma *definição* de ideologia. Significa apenas que (1) ele se ocupou manifestamente do problema — *que é uma ideologia?* — e que (2) quis tornar públicas as conclusões a que chegou. As fórmulas mais abstractas são as seguintes:

I. Ideias preconcebidas que parecem escapar ao nosso domínio ⁴⁶.

II. Conjunto de opiniões incompletamente sistematizadas que, em certo tempo e lugar, circulam num ambiente mental ⁴⁷.

⁴⁵ Na parte final de 1948 — pouco mais de um ano antes da morte —, Schumpeter pronunciou a já referida conferência *Ciência e Ideologia*. Por outro lado, na sua monumental obra póstuma *History of the Economic Analysis*, é grande o lugar que dá ao problema da mentalidade ideológica. É nestas duas fontes que se fundamenta o meu resumo, em parte facilitado pelo artigo de Cyril A. Zebot: *La Posizione di J. Schumpeter su alcuni problemi metodologici delle Scienze Sociali (Rivista Internazionale di Scienze Sociali)*, ano LXIII; série III; Março-Abril de 1955; vol. XXVI, fasc. II; Univ. Cat. de Milão). Será escusado esclarecer que a investigação que fiz na *History* está muito longe de ser exaustiva. O confronto da conferência com a *History* revela o mesmo pensamento, embora expresso sob diversas perspectivas e diversa roupagem literária.

⁴⁶ «Há, porém, no nosso espírito ideias preconcebidas acerca do processo económico, que são muito mais perigosas para o desenrolar progressivo («acumulativo») do nosso conhecimento e para o carácter científico das nossas tarefas analíticas, porque parecem estar fora do nosso domínio num sentido em que o não estão os juízos de valor e as posições tomadas em defesa de interesses próprios. Embora na maior parte dos casos estejam ligadas a estas, cabe-lhes um lugar à parte e um estudo independente. Chamar-lhe-emos ideologias.» (*Ciência e Ideologia*, pág. 4).

⁴⁷ «(...) considerámos como ideologias os grupos incompletamente sistematizados de opiniões em matéria económica que, em qualquer tempo e lugar, «circulam na mentalidade pública (...)». (*History*, pág. 41; cf. pág. 38, e art. cit.).

Claro que estas fórmulas não se opõem uma à outra; antes, a segunda explica largamente a primeira. Melhor se compreenderá esta relação se notarmos que a primeira destas noções corresponde ao conceito particular de ideologia; a segunda, ao conceito total, da teoria de Mannheim ⁴⁸. Correspondência, no entanto, não significa equivalência. Efectivamente, estas noções de Schumpeter só estão relacionadas com um dos aspectos dos conceitos de Mannheim — o aspecto subjectivo. Fica de fora o aspecto objectivo.

Alguns passos das obras de Schumpeter vêm completar e esclarecer com novas precisões os conceitos acima referidos. *Ideologia* é uma percepção ilusória de tipo especial ⁴⁹. O que a ideologia enuncia é o que o ideólogo julga verdadeiro ⁵⁰. E nem sequer se exclui a possibilidade de a ideologia ser susceptível de prova positiva: a adesão a ela, porém, é independente dessa prova ⁵¹.

b) Há dois conceitos que Schumpeter relaciona intimamente com o de ideologia: o conceito de visão e o de «racionalização» ⁵². *Visão* é o conhecimento prévio de um conjunto de fenómenos sobre os quais se vai exercer a análise científica ⁵³. «*Racionaliza-*

⁴⁸ Como já tive ocasião de notar, Schumpeter associa claramente o nome de Mannheim ao tema das ideologias. Não indica, porém, o pensador alemão como fonte das suas próprias atitudes, talvez por não ter sido consciente da medida em que dependia dele; talvez apenas por estar legitimamente consciente de ter reelaborado a parte que aproveitou do pensamento de Mannheim. Cf. *History*, pág. 37.

⁴⁹ «(...) essa categoria especial de percepção enganadora a que chamámos ideologia (...)», (art. cit., pág. 10).

⁵⁰ «(...) as ideologias não são simples mentiras; são enunciados verdadeiros do que alguém julga ver», (art. cit., pág. 7).

⁵¹ «(...) admitimos que as ideologias podem conter verdades susceptíveis de demonstração até cem por cento (...)», (art. cit., pág. 10).

⁵² Parece preferível conservar o termo em inglês.

⁵³ «(...) a percepção de um conjunto de fenómenos inter-relacionados é um acto pré-científico. Para que o nosso espírito tenha algo sobre que exercer o trabalho científico, tem de realizar essa percepção — indicando, por exemplo, qual o objecto da investigação —, mas semelhante percepção não é científica em si. Sendo embora pré-científica, não é pré-analítica. Não consiste simplesmente em ter a percepção dos factos, através de um ou mais dos nossos sentidos. Tem de se perceber que esses factos possuem uma significação ou sentido que justifica o nosso interesse por eles, e tem de se compreender, além disso, a sua inter-relação — que permita separá-los dos outros —, o que exige que a nossa imaginação ou o nosso senso comum realizem certa análise. A esta mescla de percepções e análises pré-científicas chamaremos visão ou intuição do investigador», (art. cit., pág. 8). Cf. *History*, pág. 45.

tion» é a involuntária e habitual apologia que cada um faz de si mesmo e do que lhe diz respeito ⁵⁴.

Visão não é o mesmo que ideologia. Mas é concomitante com ela, e, sendo fonte da ideologia, sofre-lhe por sua vez a influência.

Não parece em todo o caso muito nítida a concepção que Schumpeter tem das relações entre *ideologia* e *visão*. Os textos fundamentais creio que são estes: — (...) en quanto hemos realizado el milagro de saber lo que no podemos saber, esto es, la existencia de un sesgo ideológico dentro de nosotros mismos y en los demás, podemos atribuirlo a una sola fuente. Esta fuente está en la visión inicial de los fenómenos que intentamos someter al tratamiento científico. (...) la visión original es por naturaleza ideología (...)» (art. cit., pág. 10); — «Puesto que la fuente de la ideología es nuestra visión precientífica y extracientífica del proceso económico y de lo que — casual o teleológicamente — es en él importante, y puesto que normalmente esta visión es sometida entonces al tratamiento científico, resulta comprobada o destruida por el análisis, y debe, en cualquier caso, quedar eliminada como tal ideología.» (art. cit., pág. 11); — «Analytic work begins with material provided by our vision of things, and this vision is ideological almost by definition». (*History*, pág. 42); — «(...) the rules of procedure that we apply in our analytic work are almost as much exempt from ideological influence as vision is subject to it». (*History*, pág. 43).

Não traduzi os trechos para com maior rigor se poder ver onde encontro a dúvida. A visão é: 1) ideologia; 2) fonte da ideologia; 3) influenciada pela ideologia. Não digo que haja aqui verdadeira contradição; mas há seguramente obscuridade. Na fór-

⁵⁴ « A moderna Psicologia e a Psicoterapia familiarizaram-nos com um hábito mental a que chamamos «racionalization». Consiste esse hábito em nos confortarmos a nós próprios e impressionarmos os outros traçando um quadro de nós mesmos, dos nossos assuntos, dos nossos amigos, dos nossos inimigos, da nossa vocação, igreja ou país, que pode ter mais relação com aquilo que nós gostávamos que fossem, do que com aquilo que são». (*History*, págs. 34-5). Cf. o passo de Chesterton: «Nunca na minha vida disse qualquer coisa pela simples razão de que a achasse engraçada, embora, por vezes, devido àquela vanglória que é comum a todos os mortais, a possa ter julgado engraçada unicamente pelo facto de ser eu quem a disse». — (*Orthodoxia*, trad. port. de Ed. Pinheiro, 31).

mula que utilizei no texto, procurei traduzir, sem demasiado compromisso, o que suponho será o verdadeiro pensamento de Schumpeter.

Por seu lado, a «racionalization», que é uma projecção do eu, é, como hábito psicológico, o mesmo que a ideologia como concepção ⁵⁵.

Sem visão inicial, nenhuma análise científica seria possível. E, já que a visão vem sempre acompanhada de uma ideologia, seja-lhe esta perdoada por amor da ciência ⁵⁶. É sina da ideologia morrer às mãos da ciência que ajudou a nascer ⁵⁷. Mas cada novo passo no processo científico há-de ser dado com o auxílio de nova ideologia ⁵⁸.

Sem «racionalization», a vida social seria, de certo, psicologicamente intolerável. Destruí-la seria tão grave — e normalmente

⁵⁵ «(...) as ideologias não são simples mentiras; são enunciados verdadeiros do que alguém julga ver. Assim como o cavaleiro medieval se contemplava à luz que desejava; assim como o burocrata moderno faz o mesmo, e ambos deixavam — ou deixam — de ver seja o que for que possa aduzir-se para que não se considerem, ou defensores do desvalido, ou advogados do Bem-Comum, assim também os outros grupos sociais desenvolvem uma ideologia protectora, que é tudo menos insincera. Por hipótese, não somos conscientes das nossas «racionalizations» (o texto espanhol traduz; como será, pois, possível reconhecê-las e preservarmo-nos delas?» (art. cit., pág. 7).

⁵⁶ «Convém recordar outro aspecto da relação entre a ideologia e o que aqui chamámos visão ou concepção. Esse acto cognitivo pré-científico, que é a fonte das nossas ideologias, é também requisito do nosso trabalho científico. Em nenhuma ciência é possível empreender novo caminho sem ele. Através dele adquirimos novo material para as nossas tarefas científicas e algo que formular, defender ou atacar. A nossa massa de dados e instrumentos cresce e a si mesma se rejuvenesce, através de esse processo. E assim, embora caminhemos devagar por causa das nossas ideologias, talvez sem elas não caminhássemos de todo», (art. cit., pág. 22).

⁵⁷ «É mais consolador observar que nenhuma ideologia económica é eterna e que, com uma probabilidade que se aproxima da certeza, de vez em quando nos desprendemos delas. E isto é assim, não só porque os módulos sociais se transformam e nessa transformação arrastam qualquer ideologia económica, mas também pela relação que a ideologia mantém com o acto cognitivo pré-científico a que chamámos visão. Uma vez que esse acto provoca a investigação e a análise, e que estas tendem a destruir tudo aquilo que não resiste à sua prova, nenhuma ideologia económica poderia sobreviver indefinidamente, nem sequer num mundo socialmente estacionário», (art. cit., págs. 21-22).

⁵⁸ «Isto faz pensar que sempre nos acompanhará alguma ideologia; e estou convencido de que assim há-de ser.» (art. cit., pág. 22). Cf. *History*, pág. 44.

tão impossível — como a dissolução do eu ⁵⁹. Mas o conhecimento de que a «racionalização» é inelutável não impede Schumpeter de louvar como um milagre a *docta ignorantia* que consiste em conhecermos o limite do nosso conhecimento ⁶⁰.

c) O que se viu até agora mostra-nos Schumpeter considerando a ideologia como um fenómeno genérico, uma forma de pensamento comum a todos os que participam da condição humana. Vê-lo-emos agora especificando mais a ideologia, e sobretudo mergulhando-a na vida social.

I. A ideologia que se defende pode depender da situação social que se tem ⁶¹.

II. A ideologia de cada um pode depender do modo de ser de cada um ⁶².

III. A ideologia é, por vezes, uma «concepção que se converte em crença social». É o caso do Marxismo ⁶³. É aliás um

⁵⁹ «Parece-me ser esse o ponto essencial no que se refere às «rationalizations»: elas oferecem uma espécie de auto-defesa às nossas estruturas psíquicas e tornam suportáveis muitas vidas que o não seriam sem elas». (*History*, pág. 35, n. 3).

⁶⁰ V. o 1.º texto, em castelhano, transcrito na alínea *b* deste parágrafo.

⁶¹ «(...) a visão original é por natureza ideologia, e pode conter qualquer quantidade de percepções ilusórias atribuíveis ao estado social do homem, à luz a que quer ver-se ou ver o seu próprio grupo ou classe», (art. cit., pág. 10). Pág. 14: Marx compreendeu a natureza da ideologia. Cf. *History*, pág. 36.

«Esta tendência dos filósofos da sociedade a introduzir o seu próprio esquema de valores da vida na norma ética segundo a qual vão julgar os hábitos e os gostos de todos os outros homens exige atenção, porque atravessa toda a literatura economicista e explica grande parte dos juízos de valor dos economistas». (*History*, pág. 129). Sobre a relação entre juízos de valor e ideologia: «Os juízos de valor de um economista revelam abertamente a ideologia deste, mas não são a sua ideologia». (*History*, pág. 37).

«(...) não é precisamente verdade que quem odiar um sistema social terá dele uma visão objectivamente mais justa que quem o amar. Porque o amor falseia, certamente; mas o ódio falseia ainda mais». (*History*, pág. 43).

⁶² «Isto deve aplicar-se também a particularidades dos seus pontos de vista, relacionados com gostos e condições pessoais e que não têm conotações de grupo: há inclusivamente uma ideologia da mentalidade matemática, assim como uma ideologia da mentalidade alérgica às Matemáticas», (art. cit., pág. 10). Cf., para a Arte, *History*, pág. 40.

⁶³ «E assim assistimos, neste caso, à vitória da ideologia sobre a análise: consequência de uma visão ou concepção que se converte em credo social, e, por isso mesmo, esteriliza a análise.» (art. cit., pág. 16).

fenómeno que não se dá apenas no campo do Pensamento económico ⁶⁴.

IV. A ideologia não depende tanto do interesse como do amor ou do ódio. Contrariamente a Marx, Schumpeter não se empenha em atribuir à ideologia, e de modo geral ao pensamento, uma raiz económica ⁶⁵. É certamente muito interessante encontrar uma relação entre o pensamento e a vida; mas nada nos garante que, na realidade, exista sempre essa relação ⁶⁶.

3. Raymond Aron

Situado numa perspectiva predominantemente e largamente política, Raymond Aron, olhando com penetração filosófica o fenómeno ideológico, aprecia-o em termos mais práticos que teóricos ⁶⁷.

É porém notável que, não estando directamente empenhado na interpretação da mentalidade ideológica, ele nos ofereça os *disjecta membra* de uma verdadeira teoria das ideologias.

a) Ao contrário dos outros pensadores que considerámos, Raymond Aron dá pequeno lugar ao problema das ideologias. Limita-se a indicar que elas são dependentes: 1) da tradição

⁶⁴ «Se tivéssemos tempo, poderíamos observar o mesmo fenómeno em toda a parte: as ideologias cristalizam; convertem-se em credos, de momento impenetráveis ao raciocínio; encontram defensores que empenham a sua própria alma na luta por elas.» (art. cit., pág. 21).

⁶⁵ «Deste modo, a correlação entre o interesse e as atitudes da classe comercial, por um lado, e o Liberalismo, por outro lado, é tudo menos perfeita. (...) os governos conservadores — e não apenas os autocráticos, mas também os governos conservadores da Inglaterra — participaram decisivamente na instauração do Liberalismo económico. Aliás, grupos, camadas sociais, partidos e atitudes de origem não-capitalista (...) deram a sua contribuição para o conjunto». (*History*, pág. 395).

⁶⁶ «(...) as suas [de Kant, Schelling e Schopenhauer] criações são estritos exemplos de pensamento filosófico autónomo: seria desesperante a tentativa de ligar a doutrina deles à atitude que deva ser associada com a posição de classe dos burgueses ou de qualquer outro elemento». E, em nota: «Alguns Marxistas tentaram-no, fortalecidos pela convicção de que devia ser possível fazê-lo. Semelhante convicção assegurará sempre, aliás, certa medida de falso êxito, uma vez que qualquer coisa pode ser forçada a relacionar-se com qualquer outra». (*History*, pág. 412).

⁶⁷ Baseio-me em duas obras de Aron: *Introducción a la Filosofía de la História* (trad. de Ángela M. de Gaos, Buenos Aires — Editorial Losada —, 1946); e, principalmente, *L'Opium des Intellectuels*.

do pensar; 2) da perspectiva; 3) do interesse especial que se dá a um ou outro aspecto da situação histórica; 4) da ideossincrasia de cada povo⁶⁸. Mas, embora o afirme sem discussão nem prova, é impossível deixar de atribuir valor filosófico a estas afirmações.

b) É ao conteúdo das ideologias que se referem as considerações anteriores. Mas Aron indica também qual o condicionamento psicológico propício à formação da mentalidade ideológica. A ideologia é o sucedâneo da religião e do patriotismo. Nasce do desencontro entre uma potencialidade espiritual e psíquica de amor, de dedicação, de fidelidade, de sacrifício, e o objecto a que se destina essa potencialidade. Ausente o objecto, porque morta a fé, o homem com suas mãos esculpe o ídolo — e continua a amar e a sacrificar-se⁶⁹. É também sucedâneo da lei moral, que, presente na consciência, constrói a personalidade como um modelo universal⁷⁰.

A ideologia corresponde, por outro lado, ao pensamento anti-tético. É um absoluto; mas é sempre em relação a outro absoluto que se levanta; ou nega uma tese ou, em atitude de combate, já

⁶⁸ «Os debates ideológicos são diversos de país para país, conforme se acentua ou despreza um ou outro aspecto da conjuntura, conforme o ângulo de visão, conforme a tradição do pensar». (*L'Opium*, pág. 250);

«Cada povo tem suas ideologias predilectas, sua maneira de obedecer ou de rebelar-se (...)». (*Introducción*, pág. 542).

⁶⁹ «É certo que o comunismo atrai tanto mais quanto o trono de Deus está vago. Quando o intelectual não se sente já ligado nem à comunidade nem à religião dos seus antepassados, pede às ideologias progressistas que lhe encham a alma». (*L'Opium*, pág. 267).

Dir-se-á que eles [os «lettrés»] aspiram a encontrar, numa filosofia da imanência, o equivalente da eternidade perdida, e que murmuram: «Que vem a ser tudo isto, que não é universal?». (*L'Opium*, pág. 328). Cf. págs. 267-8 e 329.

⁷⁰ «O sentimento de pertencer ao pequeno número dos eleitos; a segurança que dá um sistema fechado em que toda a história e ao mesmo tempo a nossa pessoa encontram lugar e sentido; o orgulho de juntar o passado ao futuro na acção presente, animam e sustentam o verdadeiro crente, (...) aquele que guarda, apesar do maquiavelismo quotidiano, a pureza de coração, aquele que vive todo para a causa e não reconhece a humanidade dos seus semelhantes alheios ao Partido».

espera que a venham negar. Corresponde a uma visão *dual* do Ser e do Valor⁷¹.

Nasce também a mentalidade ideológica da vontade de acção, na sua forma extrema de vontade de criação. Fazer outro mundo. Dar, enfim, início à História. A Razão criadora substitui-se à inteligência da Criação⁷². (O Racionalismo é a vitória do Voluntarismo sobre o Intelectualismo, sob a aparência da vitória deste último).

Por fim, a ideologia alimenta-se da aspiração dos intelectuais à comunhão com o povo. Despojados do aparato das ideias socialmente frias ou neutras, os «clerics» caminham ao encontro das massas humanas, revestidos de mensagens de calor humano. O povo será o *corpo* em que um espírito desincarnado se fará alma⁷³.

c) Em si mesma, porém, que é uma ideologia? Raymond Aron responde que a ideologia é uma mistura mais ou menos feliz, pretensamente sistematizada, de juízos de facto e juízos de valor, de visão do mundo e de vontade de construir o futuro. Nela estão presentes, como outros tantos ingredientes, os factos e as interpretações, os desejos e as previsões⁷⁴.

Não se esgota inteiramente no dualismo verdadeiro-falso; mas também não pertence ao âmbito dos *gostos*⁷⁵.

⁷¹ Estas ideias resultam da aproximação de diversos trechos, que apenas refiro: *L'Opium*, págs. 200, 250, 250-1, 270-1 e 321.

⁷² Cf. *L'Opium*, págs. 106, 200-1, 206, 207, 246, 319 e 333.

⁷³ O texto fundamental é o seguinte: «Talvez a ideologia provoque o sentimento ilusório da comunhão com o povo, de uma empresa regida por uma ideia e uma vontade». (*L'Opium*, pág. 333).

⁷⁴ «Uma ideologia supõe [isto é: para que se esteja em presença de uma ideologia é preciso que se dê] uma ordenação aparentemente sistemática de factos, de interpretações, de desejos, de previsões». (*L'Opium*, pág. 317).

«As ideologias políticas misturam sempre, com mais ou menos felicidade, proposições de facto e juízos de valor. Expressam uma perspectiva sobre o mundo e uma vontade voltada para o Futuro». (*L'Opium*, pág. 246). Cf. *Introducción*, págs. 492-3 e 494.

⁷⁵ «Não caem directamente sob a alternativa do verdadeiro e do falso; não pertencem tampouco à ordem do gosto ou das cores». (*L'Opium*, pág. 246).

B — NOTAS SOBRE O USO DA PALAVRA IDEOLOGIA
POR ALGUNS CULTORES DAS CIÊNCIAS HUMANAS

1. Max Scheler

Entre os construtores da Sociologia do Conhecimento ⁷⁶ (que inclui a Teoria das Ideologias ou pelo menos lhe é afim), tem Max Scheler importante lugar ⁷⁷. Na economia deste estudo, porém, não lhe cabe mais que um papel secundário: tanto quanto posso ajuizar, ele não estabelece nenhum marco divisório na evolução ou no estudo do conceito de ideologia.

Usa Max Scheler da palavra ideologia em diversos sentidos ⁷⁸.

⁷⁶ Esta expressão, cujo uso facilmente se impõe na nossa língua, depende directamente do francês *Sociologie de la connaissance*, que por sua vez corresponde ao alemão *Wissenssoziologie*. Conforme observa Maquet (op. cit., págs. 19 e 20), o termo alemão não é perfeitamente equivalente ao francês. Moncada prefere a expressão *Sociologia do Saber* (Cf. sua trad. de Heimsoeth, *A Fil. no Século XX*, pág. 136).

O termo mais adequado ao estudo das ideologias será talvez *Sociologia do Pensamento*. Cf., ainda, Maquet, pág. 323, n. 5.

⁷⁷ Cf. Maquet, op. cit., págs. 27, 28 e 41; J. Schumpeter, *Ciencia e Ideologia* cit., pág. 5.

⁷⁸ Baseio-me essencialmente na sua obra *L'Idée de Paix et le Pacifisme* (*Die Idee des Friedens und der Pazifismus*; conferência feita em 1927 — certamente escrita em 1926 — e editada póstumamente em 1931), trad. de R. Tandonnet; Paris, Aubier, 1953.

Dada a confessada limitação da minha análise, é evidente que não posso ter a pretensão de que os significados a seguir referidos sejam todos aqueles que o filósofo alemão atribui à palavra ideologia. A enumeração que faço (e que é total quanto ao cit. livrinho) parece, no entanto, bastar para situar Max Scheler em relação aos outros pensadores considerados.

a) Em sentido lato, equivalente a *doutrina, sistema, princípios*. Neste caso, o conceito abrange, nomeadamente, na sua extensão:

I. o militarismo de princípios ⁷⁹;

II. a fusão operada por Bernstein, do Pacifismo jurídico com o Marxismo ⁸⁰;

III. o Positivismo comteano ⁸¹.

⁷⁹ «(...) É preciso afastar da mentalidade do povo alemão, e sobretudo das suas classes dirigentes e cultas (...) todas as ideologias que não apenas contestam (como eu também contesto) a possibilidade actual de realizar a «Paz perpétua», mas vão até negar-lhe o valor positivo enquanto «ideals», (*op. cit.*, pág. 52);

«Quando, na Alemanha de antes da guerra [de 14], a ideologia militarista dos Hegel, dos Treitschke, dos O. Spann, numa palavra, o «militarismo de princípios» (...)» (*op. cit.*, pág. 97);

«Temos de cortar decididamente com as ideologias guerreiras românticas: não podem subsistir, nem diante de uma clara consciência crítica, nem diante de uma consciência esclarecida pela Razão, quer dizer — pela Filosofia e pela Ciência.» (*op. cit.*, pág. 139).

⁸⁰ «No plano da teoria, a adesão (aos marxistas independentes) de Bernstein, que, nas suas obras «revisionistas», tentou ligar Kant (pacifismo jurídico) com Marx, permitiu-lhes encontrar uma forma de ideologia para a tentativa que faziam de fundir com o pacifismo jurídico o socialismo marxista.» (*op. cit.*, pág. 123).

⁸¹ (...) o positivismo não foi inicialmente uma filosofia, mas sim uma pura *ideologia* da Europa Ocidental, para uso do tardio individualismo nela desenvolvido» (*Die Wissensformen und die Gesellschaft* — 1926 — cit. por Cabral de Moncada, *Filosofia do Direito e do Estado*, I, pág. 317). Note-se que o sentido de *ideologia* não é aqui perfeitamente genérico; ou, pelo menos, pode-se pôr o problema de saber se não se tratará neste caso, afinal de contas, da ideologia no sentido marxista. A hipótese nasce sobretudo do texto imediatamente atrás aduzido por Moncada e que pertence, aliás, à mesma página de M. Scheler: «Não foi o puro intelecto quem no começo da era moderna, delineou o rigoroso programa de uma explicação totalmente mecânica da Natureza e das coisas da alma, mas sim a poderosa vontade de domínio e auto-valorização de uma nova sociedade em vias de ascensão» (*ibid.*, págs. 316-317). Parece ser esta a interpretação do Professor Moncada: «O seu critério [o do Positivismo] de bem e de verdade não era senão o ponto de vista relativo dos interesses materiais do indivíduo, de uma classe e de certas nações privilegiadas», (pág. 317) — em que, aliás, julgo encontrar, pelo menos, alguma exageração do pensamento de Max Scheler.

Dando a *ideologia* este uso genérico, Max Scheler nada mais terá feito que conformar-se com a tradição da literatura de ideias ⁸².

b) Em sentido restrito, ou melhor, em vários sentidos restritos. Assim, encontramos:

A) *Ideologia interessada*. Este conceito aplica-se nomeadamente aos seguintes sistemas:

I. Pacifismo Cristão ⁸³

II. Pacifismo Liberal ⁸³

III. Pacifismo Marxista ⁸³

IV. Pacifismo Imperialista ⁸³

V. Pacifismo Cultural ⁸³

VI. Pacifismo Jurídico (dubitativamente) ⁸³

VII. Pacifismo Jusnaturalista ⁸³

⁸² Cf. a nota 30 deste trabalho. Posso citar Paul Bourget, por ser um escritor em que o uso das palavras tem significado cultural. Um pouco ao acaso: *ideologia* da Revolução Francesa (*Nouvelles Pages de Critique et de Doctrine*, II, págs. 162 e 206); *ideologia* de Rousseau (*ibid.*, pág. 109); *ideologia* de Marx (*ibid.*, pág. 193). O amigo de Sorel e contemporâneo de Lenine conserva ainda, de um modo geral, à palavra ideologia a coloração *napoleónica*. Para ele, a mentalidade ideologista está perfeitamente espelhada na frase de Rousseau: «Commençons par écarter tous les faits!...» (*Discours sur l'origine de l'inégalité parmi les hommes*), aduzida por Bourget, *op. cit.* II, pág. 109; ou, mais rigorosamente, no imediato sentido literal dessa frase.

⁸³ «Quase todas as outras formas do pacifismo (o A. está a falar do pacifismo heróico) são, quer conscientemente (como o pacifismo marxista), quer, mais ou menos, inconscientemente, «ideologias interessadas», — com a única excepção porventura — e não total — do pacifismo jurídico», (*op. cit.*, págs. 81-2). É ainda particularmente interessante o trecho seguinte: «As pretensões do Marxismo a instaurar a «Paz perpétua» apareceram-nos como uma pura ideologia reveladora dos interesses de classe do proletariado. Mas a justiça e a exactidão mandam afirmar que a orientação do pensamento pacifista que conseguiu revelar-se, já durante a guerra, mas sobretudo depois, na grande burguesia ocidental, na alta finança e, em parte, na grande Indústria, também não deixa de ser uma ideologia de classe; mais precisamente, o início de uma contra-ideologia de classe, que se situa também no plano internacional e que julgo prever que se desenvolverá consideravelmente (...)» (*op. cit.*, págs. 129-130).

B) *Ideologia de classe*. Embora muito relacionado com o anterior, este conceito não coincide com ele. Nem todo o *interesse* é interesse de classe. E parece legítimo admitir que nem sempre a ideologia de classe é, para Max Scheler, determinada pelo interesse. Pelo menos, é legítimo pôr o problema, uma vez que Scheler deixa a porta aberta à incerteza⁸⁴.

C) Ideologia no sentido *napoleónico*: se bem interpreto o termo *ideológico* no texto que utilizo e em que os «ideólogos» são os povos latinos⁸⁵.

2. Sorokin

A posição de Pitirim Alexandrovich Sorokin é marcadamente pessoal. O ilustre pensador russo⁸⁶ dá ao mundo das ideias uma interpretação muito pouco sociológica.

a) Para ele, o pensamento é «função de duas variáveis: o sistema de verdade e de realidade aceite pelo pensador, e a totalidade das suas condições existenciais, especialmente sócio-culturais»⁸⁷. Dessas duas *variáveis*, a primeira tem muito mais influência que a segunda⁸⁸. É uma lei interna que sustém e coordena os

⁸⁴ No passo seguinte: «É (o pacifismo heróico) uma ideia objectivamente legítima; não é uma ideologia de classe, visto que se opõe «à violência» da Revolução não menos do que à da guerra (...)» (*op. cit.*, págs. 88-9).

⁸⁵ «Por um manifesto paradoxo em relação à psicologia dos povos, os anglo-saxões, cujo espírito prático é proverbial, perseguiram o «fim ideal» do pacifismo, ao passo que os povos *latinos*, intensamente ideólogos, se interessaram mais pelas tarefas económicas e de organização.» (*op. cit.*, pág. 113).

⁸⁶ Sorokin, actualmente professor da Universidade de Harvard (E. U.), começou a sua carreira de intelectual ainda na Rússia. A ele se refere Lenine, com violento desprezo, em *Sobre o significado do materialismo militante* (ed. parcelar, *loc. cit.*, págs. 504-6, 1922). Já então Sorokin, que fora secretário de Kerensky em 1917, tinha sido condenado à morte e afinal indultado pelo regime bolchevista (Maquet, *op. cit.* págs. 146-7). O citado artigo de Lenine fixa (pág. 506) o destino do sociólogo (Cf. Maquet, 147).

⁸⁷ Sorokin, *Sociocultural Causality, Space Time*, pág. 233 n. 1 cit. por Maquet, *op. cit.*, pág. 248. Cf. pág. 180 desta obra, em que Maquet dá uma trad. algo diversa do mesmo passo de Sorokin.

⁸⁸ Maquet, *op. cit.*, pág. 180.

elementos de um sistema intelectual. Essa lei coexiste com o dinamismo dialéctico da ideia, que traz dentro de si a sua própria antítese⁸⁹. É por necessidade interior que o sistema intelectual se transforma. E no entanto, as ideias são permeáveis aos agentes externos⁹⁰. Entre estes, algum lugar pertence aos de natureza económico-social⁹¹.

No seu conjunto, não há dúvida de que a teoria de Sorokin é quase diametralmente oposta à teoria marxista. Na sua esfera própria encontram as ideias o essencial para a vida. Em pouco são devedoras ao mundo exterior. E, por outro lado, da sua própria riqueza distribuem pródigoamente⁹².

⁸⁹ «João Escoto Erígena, Nicolau de Cusa e Hegel, em seu método dialéctico, sustentavam que toda a ideia contém implícita em si mesma a sua própria negação; toda a tese, a sua antítese. Eis por que uma tese não pode permanecer estática, mas tem de mudar incessantemente, até que se torne explícita a sua contradição implícita (...) Não é forçoso fazer-se alguém hegeliano para se aperceber do dinamismo imanente das ideias, normas e valores». (Sorokin, *Society, Culture and Personality*, pág. 381 n., cit. por Maquet, *op. cit.*, pág. 242).

⁹⁰ «(...) a aceitação do princípio da mudança imanente não impede que se reconheça o papel das forças exteriores na mudança do sistema sócio-cultural». (Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*, vol. IV — *Basic Problems, Principles and Methods*, pág. 599).

«(...) uma razão adicional da mudança do sistema é o seu meio ambiente (*id., ib.*, pág. 619). Ambos os textos em Maquet, *op. cit.*, pág. 248).

⁹¹ «As condições existenciais de que aqui se trata significam factos deste género: viver na mesma época, no mesmo grupo social, etc.» (Maquet, *op. cit.*, pág. 180). Sorokin chega, até, a assumir, embora acidentalmente, uma atitude aparentemente semelhante à do Marxismo: a doutrina social da Igreja teria mudado radicalmente com a radical mudança da situação social da mesma Igreja: «Paralelamente com o crescer da sua riqueza, desde o primeiro século ao nono, período durante o qual ela vem a ser o mais rico terra-tenente, várias doutrinas da Igreja sobre a propriedade particular, a riqueza, o poder secular, e outros princípios, mudaram notavelmente. Das tendências «comunistas» da primitiva Cristandade, passou-se a uma atitude cada vez mais favorável à riqueza, à propriedade e ao poder, e a uma interpretação cada vez menos apocalíptica do fim do mundo» (*Social and Cultural Dynamics*, vol. IV cit., pág. 55; cit. por Maquet, *op. cit.*, pág. 153). Em seguida — págs. 153-4 —, Maquet comenta, a meu ver com inteira pertinência: «Isto é o esboço de uma Sociologia do Conhecimento. Mas (...) Sorokin vai desenvolver a sua num outro sentido».

⁹² «Escusado será dizer que Sorokin admite a relação inversa: influência das produções mentais na sociedade, visto que as premissas culturais influenciam fenómenos como os tipos de associação (contractual, necessária, etc.) e a própria frequência das guerras e revoluções. Nota também ele influências mais específicas neste campo, como o aumento da mobilidade social vertical em períodos de criação filosófica, científica, reli-

b) Sorokin não se preocupa com a teoria marxista das Ideologias: nem a trata *ex professo*, nem dela parte para a sua própria construção. Assim, o uso que faz da expressão «ideologia» em nada depende do Marxismo: *ideologia* é o elemento mais espiritual da cultura, e tanto se pode referir à colectividade como ao indivíduo⁹³.

É fácil concluir que, formalmente, Sorokin se aproxima mais de Lenine que de Mannheim, e seria, em princípio, mais razoável considerá-lo dentro do processo elaborativo do conceito de ideologia. Penso, porém, que os trabalhos de Karl Mannheim marcam definitivamente o início da fase reflexiva da teoria ideologista. É, aliás, conscientemente que Sorokin entra no âmbito assim definido por Mannheim, uma vez que discute a teoria deste⁹⁴.

III

Tentativa de Fixação do Conceito de Ideologia

giosa e artística (A. R. [*Society, Culture and Personality*] 428)» (Maquet, *op. cit.*, pág. 254 n. 2). Seria interessante aproximar Sorokin de Fustel de Coulanges, a cuja explicação da História Étienne Gilson chamou Espiritualismo Histórico (in *Les métamorphoses de la Cité de Dieu*).

⁹³ «A cultura ideológica é o conjunto das significações, valores e normas de um indivíduo ou de um grupo. Notemos que o termo «ideologia» significa simplesmente o aspecto mais espiritual da cultura. Não tem de modo nenhum o sentido especial que lhe foi dado por Marx e por Mannheim (...)». (Maquet, *op. cit.*, pág. 157 n. 40). Também outros pensadores (A. Coste, L. Weber, etc.) falam de *cultura ideológica* (v. Maquet, *op. cit.*, pág. 160).

⁹⁴ Cf. Maquet, *op. cit.* pág. 248.